

seminário Desenvolvimento do Litoral Norte em Debate

12 e 13 de abril de 2018



UFRGS
LITORAL

Disponível em
www.ufrgs.br/litoral

ORGANIZAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – CAMPUS LITORAL NORTE

COMISSÃO ORGANIZADORA

ANDRÉ DOS SANTOS BALDRAIA SOUZA

CÁTIA GRISA

CRISTIANINI TRESCASTRO BERGUE

ELISETE ENIR BERNARDI GARCIA

FELIPE MASCARENHAS

GABRIELA PEREIRA DA SILVA MACIEL

IAMARA ROSSI BULHÕES

IGNÁCIO M. BENITES MORENO

JONAS JOSÉ SEMINOTTI

MARLISE AMÁLIA REINEHR DAL FORNO

RONALDO WASCHBURGER

MONITORES

INGRID DE PAULA MARQUES

MARIA AUGUSTA DE QUADROS FABRÍCIO

VITOR HUGO DA SILVA OLIVEIRA



FOTOGRAFIAS E HISTÓRIAS DA PESCA COOPERATIVA: ENCONTROS PARA APRENDER, EXPRESSAR E INTERVENCIONAR.

Elisa Berlitz Ilha^{1,2*} Camila Thiesen Rigon^{1,2} Dandara Rodrigues Dorneles^{1,2,4} Yuri
Roxo de Camargo^{1,2,3} Ignacio Benites Moreno^{1,2} Eunice Kindel^{5,13}

Palavras-chave: Pesca cooperativa, Narrativas, Fotografia, Conservação.

“Todo mundo deveria saber o que acontece aqui, sobre os botos e da pesca com eles. Saber como eles ajudam o pescador...”: Nas margens da Barra do Rio Tramandaí ocorre a pesca cooperativa, interação singular entre pescadores artesanais de tarrafa e botos, que trabalham juntos para capturar a tainha. É uma prática cultural, aprendida e transmitida entre as gerações de botos e de pescadores artesanais, de importância econômica e sociocultural; e que, mesmo assim, ainda é pouco conhecida e corre risco de desaparecer. Com o objetivo de contribuir para a conservação da pesca cooperativa e de seus atores através do seu (re)conhecimento, desenvolvemos um instrumento didático, sensibilizador e democrático. Para isso, realizamos uma investigação qualitativa que recorreu a abordagens do campo da antropologia visual (fotografia) e de relatos orais de métodos biográficos (histórias de vida/depoimentos); e contou com a participação de nove pescadores de tarrafa profissionais, sendo sete vinculados ao “Projeto Botos da Barra do Rio Tramandaí”. A interação entre essas estratégias permitiu a montagem de uma exposição fotográfica itinerante, construída com curadoria dos próprios sujeitos que a significam. No que diz respeito aos relatos orais, foi possível acessar uma história coletiva e uma história ambiental a partir de narrativas individuais. As semelhanças encontradas nos discursos permitiram definir categorias de análise que refletem características comuns desse grupo: a) conhecimento tradicional; b) importância do boto para a eficiência da pesca; c) relação afetiva com

13 ILaboratório de Sistemática e Ecologia de Aves e Mamíferos Marinhos (LABSMAR), IB/UFRGS; 2Projeto Botos da Barra do Rio Tramandaí, Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (CECLIMAR), IB/UFRGS; 3Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal (PPGBan), IB/UFRGS; 4Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), UFRGS; 5Departamento de Ensino e Currículo (FACED), UFRGS. Contato: *Elisa Berlitz Ilha – elisaberlitz@gmail.com – (51) 99656-8658. Endereço profissional: Departamento de Zoologia - UFRGS - Setor Acadêmico do Instituto de Biociências. Av. Bento Gonçalves, 9500 - Bloco IV - Prédio 43435 - Sala 206 - CEP 91509-900 - Porto Alegre - RS - Brasil.

os botos; d) conhecimento biológico/consciência ambiental; e) diferenças da pesca ontem e hoje; f) *ethos*: ser pescador. Já as fotografias permitiram a expansão dessas características às miradas alheias, imprimindo nas imagens escolhidas por eles, o orgulho que esses pescadores têm de sua profissão, a apropriação com seu território e a relação afetiva estabelecida com os botos. Entre outros trabalhos, este é o primeiro que expressa a importância da pesca cooperativa a partir da voz de seus protagonistas. A curadoria da exposição, considerada a etapa mais importante da investigação, ampliou o espaço de fala e decisão por parte dos pescadores artesanais de tarrafa. Desta forma, não apenas o nosso aprendizado sobre quem são e o que os significa foi enriquecido, como a própria exposição fotográfica foi ressignificada entre os códigos e signos que integram a pesca cooperativa. Enquanto a fotografia parece ser capaz de sensibilizar e produzir a valorização positiva de forma estética, as narrativas apresentam potencial reflexivo e socioeducativo. Por vezes, denúncias do presente se sobressaíram às histórias do passado, destacando dificuldades do cotidiano, apontando para as transformações da realidade e evidenciando sua vulnerabilidade na sociedade contemporânea-urbanizada (e.g.: orgulho e amor pela pesca e pelo ser pescador, ao mesmo tempo em que não querem que seus filhos/as sigam tal instável e sofrida profissão). Escutá-los também nos confronta e nos movimenta: é através dessas narrativas que podemos aprender e começar a caminhar na direção de ações que conduzam a conservação da pesca cooperativa e de seus atores. A empatia se constrói no reconhecer do outro: é assim que a conservação, vista como um ato político alcança o campo educativo, afetivo e efetivo. Ao fim, dar voz a eles, mais do que ouvir histórias, foi ampliar sua oportunidade de expressão e nossa capacidade de intervenção: *“Se a gente não cuidar, tudo vai terminando(...), por sorte, quando tem botinho, ajuda”*.